



# PAULÍNIA-SP

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA - SÃO PAULO**

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
PEB II - ENFERMAGEM**

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Raciocínio Lógico
- ▶ Conhecimentos Educacionais
- ▶ Conhecimentos Específicos

**INCLUI QUESTÕES GABARITADAS**

**EDITAL DE ABERTURA N° 001/2026**



**BÔNUS**

ÁREA DO  
**CONCURSEIRO**

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

**41**  
**ANOS**  
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO



# AVISO IMPORTANTE:

**Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

## POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Questões gabaritadas
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

**Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:  
<https://www.editorasolucao.com.br/>



# PAULÍNIA - SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA -  
SÃO PAULO

Professor de Educação  
Básica- PEB II-  
Enfermagem

**EDITAL DE ABERTURA Nº 001/2026**

CÓD: SL-230JL-26  
7901183003983

## Língua Portuguesa

|                                                                                                                                                                                                                                 |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Análise e interpretação de texto (compreensão geral do texto; ponto de vista ou ideia central defendida pelo autor; argumentação; elementos de coesão; inferências; estrutura e organização do texto e dos parágrafos) ..... | 9  |
| 2. Tipologia e gêneros textuais .....                                                                                                                                                                                           | 13 |
| 3. Figuras de linguagem .....                                                                                                                                                                                                   | 21 |
| 4. Emprego dos pronomes demonstrativos .....                                                                                                                                                                                    | 24 |
| 5. Relações semânticas estabelecidas entre orações, períodos ou parágrafos (oposição/contraste, conclusão, concessão, causalidade, adição, alternância, etc.) .....                                                             | 24 |
| 6. Relações de sinonímia e de antonímia.....                                                                                                                                                                                    | 29 |
| 7. Sintaxe da oração (período simples; termos fundamentais e acessórios da oração; tipos de predicado) e do período (período composto por coordenação e por subordinação) .....                                                 | 29 |
| 8. Funções do “que” e do “se” .....                                                                                                                                                                                             | 33 |
| 9. Emprego do acento grave .....                                                                                                                                                                                                | 35 |
| 10. Emprego dos sinais de pontuação e suas funções no texto.....                                                                                                                                                                | 39 |
| 11. Ortografia.....                                                                                                                                                                                                             | 42 |
| 12. Concordâncias verbal e nominal.....                                                                                                                                                                                         | 46 |
| 13. Regências verbal e nominal .....                                                                                                                                                                                            | 49 |
| 14. Emprego de tempos e modos verbais .....                                                                                                                                                                                     | 53 |
| 15. Formação de tempos compostos dos verbos .....                                                                                                                                                                               | 54 |
| 16. Colocação pronominal .....                                                                                                                                                                                                  | 59 |

## Raciocínio Lógico

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Lógica proposicional e de predicados .....                                       | 69 |
| 2. Argumentação lógica e inferências; Análise de argumentos e validade lógica ..... | 71 |
| 3. Teoria dos conjuntos e relações.....                                             | 75 |
| 4. Análise combinatória .....                                                       | 78 |
| 5. Probabilidade.....                                                               | 80 |
| 6. Sequências e padrões lógicos .....                                               | 81 |
| 7. Raciocínio analítico e resolução de problemas complexos.....                     | 82 |
| 8. Interpretação de informações e tomada de decisão lógica .....                    | 86 |

## Conhecimentos Educacionais

|                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. Fundamentos da educação: Concepções pedagógicas e teorias da educação ..... | 93  |
| 2. História da educação e tendências pedagógicas contemporâneas.....           | 99  |
| 3. Educação e função social da escola .....                                    | 106 |
| 4. Didática e processo de ensino-aprendizagem .....                            | 107 |
| 5. Planejamento educacional e organização do ensino .....                      | 108 |
| 6. Metodologias de ensino e práticas pedagógicas .....                         | 109 |
| 7. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas .....                      | 111 |
| 8. Organização do trabalho pedagógico .....                                    | 115 |

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| 9. Projeto Político-Pedagógico (PPP).....                                   | 120 |
| 10. Gestão democrática da educação.....                                     | 122 |
| 11. Coordenação pedagógica e trabalho coletivo.....                         | 126 |
| 12. Desenvolvimento humano e aprendizagem; Teorias do desenvolvimento ..... | 130 |
| 13. Processos cognitivos, afetivos e sociais .....                          | 136 |
| 14. Relação professor-aluno e mediação pedagógica.....                      | 137 |
| 15. Educação inclusiva e diversidade .....                                  | 146 |
| 16. Educação inclusiva e práticas pedagógicas .....                         | 152 |
| 17. Atendimento Educacional Especializado (AEE) .....                       | 156 |
| 18. Adaptação curricular e acessibilidade .....                             | 159 |
| 19. Políticas educacionais .....                                            | 164 |
| 20. Constituição Federal de 1988 (artigos da educação) .....                | 168 |
| 21. Lei nº 9.394/1996 (LDB).....                                            | 172 |
| 22. Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) .....          | 192 |
| 23. Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014) .....                   | 232 |
| 24. Tendências contemporâneas em educação .....                             | 234 |
| 25. Tecnologias educacionais.....                                           | 235 |
| 26. Metodologias ativas de aprendizagem .....                               | 238 |
| 27. Educação integral e interdisciplinaridade .....                         | 241 |

## Conhecimentos Específicos

### Professor de Educação Básica - PEB II - Enfermagem

|                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. Conhecimentos Pedagógicos; História da Educação no Brasil .....                                                     | 249 |
| 2. Fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos da Educação.....                                               | 251 |
| 3. Psicologia da Educação: principais teorias de aprendizagem (Piaget, Vygotsky, Wallon, Ausubel, Paulo Freire); ..... | 257 |
| 4. Desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança e do adolescente .....                                       | 262 |
| 5. Educação Inclusiva e Educação Especial: legislação e práticas pedagógicas.....                                      | 263 |
| 6. Avaliação da aprendizagem: diagnóstica, formativa e somativa. Avaliação contínua e diagnóstica;.....                | 270 |
| 7. Planejamento educacional: anual, de unidade, de aula; .....                                                         | 270 |
| 8. Relação família–escola–comunidade.....                                                                              | 271 |
| 9. Didática e Metodologia de Ensino .....                                                                              | 276 |
| 10. Didática: conceitos, funções e importância; Métodos e técnicas de ensino-aprendizagem.....                         | 278 |
| 11. Planejamento de aula: objetivos, conteúdos, métodos, recursos e avaliação.....                                     | 280 |
| 12. Recursos didáticos e uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) .....                                   | 284 |
| 13. Ensino por projetos e interdisciplinaridade .....                                                                  | 285 |
| 14. Práticas de leitura, escrita e letramento .....                                                                    | 287 |
| 15. Elaboração de planos de aula e planos de ensino .....                                                              | 288 |
| 16. Instrumentos e técnicas de avaliação escolar;.....                                                                 | 292 |
| 17. Intervenção pedagógica, frente às dificuldades de aprendizagem;.....                                               | 298 |
| 18. Prática reflexiva e autoavaliação docente.....                                                                     | 300 |
| 19. Gestão da sala de aula: disciplina, motivação e mediação de conflitos.....                                         | 301 |

## ÍNDICE

|                                                                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 20. BNCC, Currículo Municipal e Computação como complemento da BNCC.....                                                               | 305 |
| 21. Função social da escola.....                                                                                                       | 353 |
| 22. Educação em direitos humanos.....                                                                                                  | 353 |
| 23. Constituição Federal – artigos 205 a 214 (Educação); Legislação e Normas da Educação.....                                          | 356 |
| 24. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/1990.....                                                                | 356 |
| 25. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996.....                                                      | 356 |
| 26. Princípios da Educação Pública.....                                                                                                | 356 |
| 27. Deveres e Direitos do Aluno e da Escola; Função Social da Escola e Papel do Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental..... | 360 |

# LÍNGUA PORTUGUESA

**ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO (COMPREENSÃO GERAL DO TEXTO; PONTO DE VISTA OU IDEIA CENTRAL DEFENDIDA PELO AUTOR; ARGUMENTAÇÃO; ELEMENTOS DE COESÃO; INFERÊNCIAS; ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO E DOS PARÁGRAFOS).**

## COMPREENSÃO GERAL DO TEXTO

A compreensão geral do texto consiste em identificar seu sentido global. É a capacidade de responder, de forma clara, à pergunta: “Qual é o assunto principal deste texto?” Essa compreensão inicial permite que o leitor tenha uma visão de conjunto antes de analisar detalhes. Sem ela, há risco de interpretar partes isoladas de forma equivocada.

Para compreender globalmente um texto, o leitor deve observar título, subtítulo, tema, palavras-chave, gênero textual, fonte, autor, finalidade e organização das ideias. O título costuma antecipar o assunto ou provocar uma expectativa. O subtítulo pode delimitar melhor o recorte temático. A fonte e o gênero ajudam a compreender a situação comunicativa.

Um texto jornalístico, por exemplo, pode ter como finalidade informar ou analisar um fato. Um artigo de opinião procura defender um ponto de vista. Uma crônica pode misturar narrativa, reflexão e comentário social. Um texto científico busca explicar um fenômeno com base em conceitos e dados. Reconhecer o gênero ajuda o leitor a entender que tipo de leitura deve realizar.

A compreensão geral também depende da identificação do tema. O tema é o assunto central tratado. Ele pode ser amplo, como educação, saúde, meio ambiente, tecnologia ou trabalho, mas normalmente o texto faz um recorte mais específico. Um texto não fala apenas de “tecnologia”; pode tratar do impacto das redes sociais na atenção dos jovens, por exemplo. Esse recorte é o verdadeiro foco da leitura.

É importante distinguir tema de ideia central. O tema é o assunto; a ideia central é o que o texto afirma sobre esse assunto. Por exemplo, em um texto sobre leitura, o tema pode ser “hábito de leitura”, enquanto a ideia central pode ser “a leitura frequente melhora a capacidade crítica e amplia a participação social”. O tema aponta o campo; a ideia central aponta a direção do pensamento.

A leitura global deve evitar pressa. Muitas vezes, o leitor encontra uma palavra conhecida e imagina que já entendeu tudo. No entanto, o sentido depende da articulação entre as partes. Um texto pode começar apresentando uma ideia apenas para depois criticá-la. Por isso, é necessário ler até o fim antes de concluir.

A compreensão geral também envolve perceber o tom do texto. O autor pode adotar tom crítico, informativo, irônico, indignado, didático, humorístico, científico ou literário. O tom influencia a interpretação. Uma frase irônica, por exemplo, não deve ser lida literalmente.

Outra estratégia útil é resumir mentalmente cada parágrafo. Ao final da leitura, o leitor deve ser capaz de dizer qual caminho o texto seguiu: apresentou um problema, explicou causas, trouxe exemplos, defendeu uma tese e concluiu com determinada posição. Esse resumo revela se houve compreensão global.

### ► Ponto de vista e ideia central defendida pelo autor

O ponto de vista é a posição assumida pelo autor diante do tema tratado. Em textos argumentativos, ele corresponde à tese defendida. A ideia central é o núcleo do pensamento desenvolvido no texto, aquilo que orienta os argumentos, exemplos e conclusões. Identificar esse ponto é essencial para interpretar corretamente.

Nem sempre o ponto de vista aparece de forma direta. Em alguns textos, o autor declara claramente sua opinião, usando expressões como “é necessário”, “defende-se”, “não se pode aceitar”, “deve-se reconhecer” ou “é fundamental”. Em outros, a posição precisa ser percebida pelas escolhas argumentativas e pelo modo como as informações são apresentadas.

Por exemplo, um autor pode escrever um texto sobre tecnologia na educação. Se ele destaca benefícios, apresenta exemplos positivos e conclui que recursos digitais ampliam possibilidades de aprendizagem, seu ponto de vista tende a ser favorável ao uso pedagógico da tecnologia. Se, ao contrário, enfatiza distrações, desigualdades de acesso e dependência excessiva, pode defender uma posição mais crítica ou cautelosa.

A ideia central não deve ser confundida com uma informação secundária. Um texto pode apresentar vários dados, exemplos e comentários, mas todos devem se relacionar a uma ideia maior. O leitor precisa perguntar: “Qual afirmação organiza as demais?” Essa pergunta ajuda a encontrar o núcleo do texto.

Muitas vezes, a tese aparece na introdução ou na conclusão. Na introdução, o autor pode apresentar o tema e indicar sua posição. Na conclusão, pode retomar a ideia defendida depois de desenvolvê-la. No entanto, isso não é regra absoluta. Em alguns textos, a tese se constrói progressivamente.

A escolha das palavras também revela ponto de vista. Termos positivos ou negativos, adjetivos avaliativos, verbos de julgamento e expressões de intensidade mostram como o autor enxerga o tema. Dizer “medida necessária” é diferente de dizer “medida autoritária”. A escolha vocabular orienta a leitura.

O leitor deve diferenciar ponto de vista do autor e opinião pessoal do leitor. Ao interpretar, primeiro é preciso entender o que o texto defende, mesmo que se discorde. A análise textual exige fidelidade ao texto. A avaliação crítica pode vir depois, mas não deve distorcer a posição do autor.

Em textos informativos, pode parecer que não há ponto de vista. Mesmo assim, há escolhas: o que foi incluído, o que foi deixado de fora, que fontes foram ouvidas, que título foi dado, que dados receberam destaque. A neutralidade absoluta é difícil; por isso, a leitura crítica observa também a seleção das informações.

Identificar a ideia central ajuda a responder perguntas de interpretação, produzir resumos, avaliar argumentos e compreender a finalidade do texto. Sem essa identificação, o leitor pode se perder em detalhes.

#### ► Argumentação e defesa de ideias

A argumentação é o conjunto de recursos utilizados para defender uma ideia, convencer o leitor ou justificar determinado ponto de vista. Em um texto argumentativo, o autor não apenas apresenta uma opinião; ele procura sustentá-la com razões. Essas razões são os argumentos. A qualidade da interpretação depende muito da capacidade de reconhecer e avaliar esses argumentos.

Um argumento pode ser construído com base em fatos. Fatos são acontecimentos ou informações verificáveis. Por exemplo, afirmar que determinado índice aumentou em certo período é um dado que pode ser conferido. Quando um autor usa fatos, ele tenta dar base objetiva à sua tese.

Também é comum o uso de exemplos. Exemplos tornam uma ideia mais concreta. Se o autor defende que a leitura amplia o repertório cultural, pode citar situações em que leitores compreendem melhor debates sociais, interpretam notícias com mais cuidado ou escrevem com mais clareza. O exemplo ajuda o leitor a visualizar a ideia.

O argumento de autoridade ocorre quando o autor cita especialistas, instituições, pesquisadores ou documentos reconhecidos para fortalecer sua posição. Esse tipo de argumento pode ser eficiente, desde que a autoridade citada seja pertinente ao tema. Citar alguém famoso, mas sem relação com o assunto, não fortalece a argumentação.

A comparação também é recurso argumentativo. O autor pode comparar épocas, países, grupos, comportamentos ou situações para mostrar semelhanças e diferenças. Comparações ajudam a explicar conceitos e defender avaliações. No entanto, precisam ser adequadas; comparações forçadas podem enfraquecer o texto.

A relação de causa e consequência é muito frequente. O autor mostra que determinado problema ocorre por certas causas ou gera determinados efeitos. Por exemplo, pode argumentar que a falta de planejamento urbano contribui para enchentes, congestionamentos e desigualdade de acesso a serviços. A interpretação deve verificar se a relação causal é lógica e bem sustentada.

A argumentação também pode apresentar contra-argumentos. O autor reconhece uma posição contrária e depois a responde. Essa estratégia fortalece o texto porque mostra que o autor considerou outras perspectivas. Expressões como “embora alguns defendam”, “é verdade que”, “por outro lado” e “no entanto” podem introduzir contrapontos.

O leitor deve observar se os argumentos são coerentes com a tese. Às vezes, o autor apresenta dados interessantes, mas que não comprovam exatamente aquilo que defende. A interpretação crítica exige verificar se há ligação entre tese e argumento.

Também é importante perceber falhas argumentativas. Generalizações apressadas, ataques pessoais, exageros, falsas causas e apelos emocionais sem base podem enfraquecer o texto. O leitor não deve se deixar convencer apenas pelo tom forte ou pela linguagem impactante.

A organização dos argumentos também importa. Um texto pode começar com um problema, apresentar causas, desenvolver exemplos, considerar objeções e concluir com uma proposta. Essa sequência orienta o leitor.

#### ► Elementos de coesão textual

A coesão textual é o conjunto de mecanismos que liga palavras, frases, períodos e parágrafos, formando uma unidade de sentido. Um texto coeso não é apenas uma sequência de frases soltas. Suas partes se conectam de forma organizada, permitindo que o leitor acompanhe o desenvolvimento das ideias.

Os conectivos são elementos importantes de coesão. Eles indicam relações de sentido entre partes do texto. Palavras e expressões como “mas”, “porém”, “contudo”, “entretanto”, “além disso”, “portanto”, “porque”, “embora”, “assim”, “ou seja” e “por exemplo” orientam a leitura. Cada conectivo sinaliza uma relação específica.

Por exemplo, “mas” indica oposição ou contraste. “Portanto” indica conclusão. “Porque” indica causa ou explicação. “Além disso” indica adição. “Embora” indica concessão. Quando o leitor entende esses sinais, interpreta melhor a lógica do texto.

A referência pronominal também é mecanismo de coesão. Pronomes como “ele”, “ela”, “isso”, “esse”, “aquele”, “sua” e “seu” retomam informações anteriores ou antecipam elementos. Para interpretar corretamente, o leitor deve identificar a que termo o pronome se refere. Se essa retomada não for percebida, o sentido pode ficar confuso.

A substituição lexical ocorre quando uma palavra é retomada por sinônimo, expressão equivalente ou termo relacionado. Por exemplo, um texto pode mencionar “os estudantes” e depois retomar como “os alunos”, “os jovens” ou “esse grupo”. Essa variação evita repetição excessiva e mantém a continuidade temática.

A repetição também pode funcionar como coesão. Em alguns textos, repetir uma palavra-chave ajuda a manter o foco. A repetição só se torna problema quando é desnecessária e empobrece o texto. Em textos técnicos, repetir o termo exato pode ser mais claro do que usar sinônimos imprecisos.

A elipse é outro recurso coesivo. Ela ocorre quando um termo é omitido porque pode ser recuperado pelo contexto. Por exemplo: “Maria estudou pela manhã; João, à tarde”. O verbo “estudou” foi omitido na segunda oração, mas o leitor o recupera facilmente. Esse recurso evita repetição.

A coesão também ocorre entre parágrafos. Um parágrafo pode retomar o anterior, apresentar uma consequência, introduzir exemplo, opor uma ideia ou concluir o raciocínio. Expressões como “nesse sentido”, “por outro lado”, “além disso” e “dessa forma” ajudam a criar progressão textual.

É importante perceber que coesão não é o mesmo que coerência. A coesão é a ligação linguística entre partes; a coerência é a lógica do sentido. Um texto pode ter conectivos e ainda ser incoerente se suas ideias se contradizem. Porém, a boa coesão geralmente ajuda a construir coerência.

# RACIOCÍNIO LÓGICO

## LÓGICA PROPOSICIONAL E DE PREDICADOS

A lógica proposicional é baseada justamente nas *proposições* e suas relações. Podemos ter dois tipos de proposições, simples ou composta.

Em geral, uma proposição simples não utiliza conectivos (*e*; *ou*; *se*; *se, e somente se*). Enquanto a proposição composta é formada por duas ou mais proposições simples ligadas por esses conectivos.

Mas às vezes uma proposição composta é de difícil análise. “Carlos é professor e a moeda do Brasil é o Real”. Se Carlos não for professor e a moeda do Brasil for o real, a proposição composta é verdadeira ou falsa? Temos uma proposição verdadeira e falsa? Como podemos lidar com isso?

A melhor maneira de analisar estas proposições compostas é através de tabelas-verdade.

A *tabela-verdade* é montada com todas as possibilidades que uma proposição pode assumir e suas combinações. Se quiséssemos saber sobre uma proposição e sua negativa, teríamos a seguinte tabela-verdade:

| $p$ | $\sim p$ |
|-----|----------|
| V   | F        |
| F   | V        |

A tabela-verdade de uma conjunção ( $p \wedge q$ ) é a seguinte:

| $p$ | $q$ | $p \wedge q$ |
|-----|-----|--------------|
| V   | V   | V            |
| V   | F   | F            |
| F   | V   | F            |
| F   | F   | F            |

Todas as tabelas-verdade são as seguintes:

| $p$ | $q$ | $p \wedge q$ | $p \vee q$ | $p \rightarrow q$ | $p \leftrightarrow q$ | $p \vee q$ |
|-----|-----|--------------|------------|-------------------|-----------------------|------------|
| V   | V   | V            | V          | V                 | V                     | F          |
| V   | F   | F            | V          | F                 | F                     | V          |
| F   | V   | F            | V          | V                 | F                     | V          |
| F   | F   | F            | F          | V                 | V                     | F          |

Note que quando tínhamos uma proposição, nossa tabela-verdade resultou em uma tabela com 2 linhas e quando tínhamos duas proposições nossa tabela era composta por 4 linhas.

A fórmula para o número de linhas se dá através de  $2^n$ , onde  $n$  é o número de proposições.

## AMOSTRA

Se tivéssemos a seguinte tabela-verdade:

| $p$ | $q$ | $r$ | $p \vee q \rightarrow r$ |
|-----|-----|-----|--------------------------|
|-----|-----|-----|--------------------------|

Mesmo sem preenchê-la, podemos afirmar que ela terá  $2^3$  linhas, ou seja, 8 linhas.

Mais um exemplo:

| $p$ | $q$ | $p \rightarrow q$ | $\sim p$ | $\sim q$ | $\sim q \rightarrow \sim p$ |
|-----|-----|-------------------|----------|----------|-----------------------------|
| V   | V   | V                 | F        | F        | V                           |
| V   | F   | F                 | F        | V        | F                           |
| F   | V   | V                 | V        | F        | V                           |
| F   | F   | V                 | V        | V        | V                           |

Note que o resultado de  $p \rightarrow q$  é igual a  $\sim q \rightarrow \sim p$  (V-F-F-V). Quando isso acontece, diremos que as proposições compostas são logicamente *equivalentes* (iguais).

Outro exemplo de como A tabela-verdade pode nos ajudar a resolver certas proposições mais complicadas: Quero saber os resultados para a proposição composta  $(p \wedge q) \rightarrow p \vee q$ . O que vamos fazer primeiro é montar A tabela-verdade para  $p \wedge q$  e  $p \vee q$ .

| $p$ | $q$ | $p \wedge q$ | $p \vee q$ |
|-----|-----|--------------|------------|
| V   | V   | V            | V          |
| V   | F   | F            | V          |
| F   | V   | F            | V          |
| F   | F   | F            | F          |

Agora que sabemos como nossos elementos se comportam, vamos relacionar com  $p \rightarrow q$ :

| $p$ | $q$ | $p \rightarrow q$ |
|-----|-----|-------------------|
| V   | V   | V                 |
| V   | F   | F                 |
| F   | V   | V                 |
| F   | F   | V                 |

Desta forma, sabemos que a implicação que relaciona V com V resulta em V, e V com F resulta em F, e assim por diante. Podemos então agora montar nossa tabela completa com todas estas informações:

| $p$ | $q$ | $p \wedge q$ | $p \vee q$ | $p \rightarrow q$ | $(p \wedge q) \rightarrow p \vee q$ |
|-----|-----|--------------|------------|-------------------|-------------------------------------|
| V   | V   | V            | V          | V                 | V                                   |
| V   | F   | F            | V          | F                 | V                                   |
| F   | V   | F            | V          | V                 | V                                   |
| F   | F   | F            | F          | V                 | V                                   |

O processo pode parecer trabalhoso, mas a prática faz com que seja rápida a montagem destas tabelas, chegando rapidamente na análise da questão e com seu resultado prontamente obtido.

# CONHECIMENTOS EDUCACIONAIS

## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E TEORIAS DA EDUCAÇÃO

### FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

A educação deve levar em conta a natureza própria do indivíduo, encontrando esteios nas leis da constituição psicológica do indivíduo e seu desenvolvimento. A relação entre os indivíduos a educar e a sociedade torna-se recíproca. Pretende que a criança aproxime do adulto não mais recebendo as regras de boa ação, mas conquistando-as com seu esforço e suas experiências pessoais, em troca a sociedade espera das novas gerações mais do que uma imitação; espera um enriquecimento.

Caso queiramos proceder corretamente no campo técnico da educação, teremos que a elas recorrer para que não sejamos tentados em nossa ação educativa, a impor modelos, para com que eles, os alunos, se identifiquem. Teremos sim que lhes oferecer situações, experiências que resultem em uma modelagem adequada. Modelagem não estereotipada, mas decorrentes das diferenças individuais de cada aluno.

#### ► Fundamentos Sociológicos

No Brasil, convivem lado a lado, uma Sociologia de Educação cética com relação à ordem existente, baseada em modelo marxista, uma outra baseada em metodologia de pesquisa empírica e, ainda outra que, rejeitando ambas as abordagens, adota perspectivas de inspiração interacionista, fenomenológica ou etnometodológica. As diferenças entre os referenciais teóricos, os temas tratados e a orientação política são tão grandes que talvez fosse mais correto falar em Sociologas da Educação.

Nos últimos vinte anos pertencem a Althusser (1970), Bowles e Gintis (1976), Bourdieu e Passeron (1970) e Michael Yong (1971), os estudos que marcaram e delimitaram o campo da Sociologia Educacional. Estes estudos postulam que a produção e reprodução das classes reside na capacidade de manipulação e moldagem das consciências, na preparação de tipos diferenciados de subjetividade de acordo com as diferentes classes sociais.

A escola participa na consolidação desta ordem social pela transmissão e incubação diferenciada de certas ideias, valores, modos de percepção, estilos de vida, em geral sintetizados na noção de ideologia. Os estudos centram-se nos mecanismos amplos de reprodução social via escola.

Num outro eixo, encontramos os ensaios da Nova Sociologia da Educação preocupados em descrever as minúcias do funcionamento do currículo escolar e seu papel na estruturação das desigualdades sociais. A Nova Sociologia da Educação coloca a problematização dos currículos escolares no centro da análise sociológica de Educação.

A Sociologia da Educação, hoje, aborda como tema central de discussão: o papel da educação na produção e reprodução da sociedade de classes. A Educação facilmente descobre que um dos lugares eminentes de sua teoria e de sua prática está no interior dos movimentos sociais. Cabe, pois, a escola o papel de preparar técnica e subjetivamente as diferentes classes sociais para ocuparem seus devidos lugares na divisão social.

Bourdieu e Passeron percebem como essa divisão é mediada por um processo de reprodução cultural. Sabemos que as forças culturais que atuam sobre o comportamento precisam ser conhecidas para um melhor planejamento e, conseqüentemente, melhor ensino. De particular interesse para o processo educativo são os fatores familiares, o grupo de adolescentes a que se filia ("a turma") e a escola.

As condições do ambiente forjam a sua resposta ou reticência, aos estímulos, formando padrões de hábitos que encorajam ou desencorajam as atividades que motivam ou desmotivam a aprendizagem. O comportamento em classe está estritamente relacionado com o ambiente familiar e a sua posição socioeconômica. Fatores estes ocasionadores de procedimentos antissociais ou de extrema instabilidade e falta de amadurecimento.

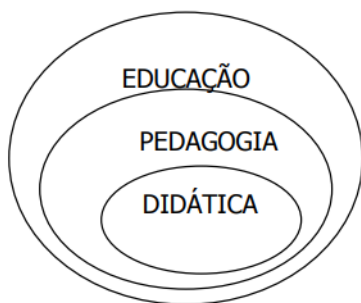
A "turma" é de vital importância para o adolescente que, ao "enturmar-se", prefere os padrões de seu grupo aos dos adultos, algumas vezes diminuindo até o seu rendimento escolar para satisfazer o seu grupo. O aluno, ser temporal e espacial, vivendo dentro de uma comunidade, pertencendo a um grupo social, participando de instituições várias, possuindo um "status" socioeconômico, para integrar-se aos padrões de comportamento social necessita de um atendimento dentro da sua realidade individual.

A organização de currículos, programas e planejamentos de ensino alienados da realidade social não é de natureza prática e não conduz a motivação. No entanto, como os grandes educadores e pedagogos, deveríamos ir muito além, formando "conceitos humanísticos" que superam dialeticamente o individual e o social para fazer surgir o ser humano integral, dando ao educando condições de adaptação em qualquer tipo de sociedade no tempo e no espaço.

<sup>1</sup> <https://pedagogiaparaconcurseiros.com.br/apostila-de-fundamentos-da-educacao/>

### ► Fundamentos Psicológicos

Iniciemos situando Educação como o âmbito amplo que abarcaria, numa representação espacial, em círculos concêntricos, a Pedagogia e a Didática, como no esquema que segue.



A Educação compete todos os detalhes, em toda a amplitude das situações que produzem ou provocam aprendizagem. Consideramos Educação como o campo característico da categoria dos humanos, porque a definimos como a esfera das aprendizagens. Ela é característica do humano, uma vez que o homem tem como sua marca definidora o fato de ser um ser de cultura, por conseguinte, um ser que aprende.

Aprender pode ser definido como a forma construída pelo bicho-homem de enfrentamento da realidade que o circunda e que lhe permite sobreviver ou, mais ainda, que lhe permite transformar o seu entorno com vistas a sua felicidade. Em face da complexidade e da amplitude dos fenômenos que regem os atos de aprender, a sua abordagem é intrinsecamente interdisciplinar. Assim, educação se faz obrigatoriamente a partir dos múltiplos enfoques.

No esquema acima, a passagem do exterior ao interior está associada a um movimento cada vez mais especializado, do informal ao formal. Assim, Educação na região exterior à Pedagogia, compreenderia as responsabilidades e as atuações da sociedade como um todo em suas ações (não propriamente intencionais) provocadoras de aprendizagens. Tratar-se-ia da atmosfera que se gera, pelo tipo de organização social e material dos agrupamentos humanos.

Na Pedagogia, restringe-se a amplitude para reforçar a profundidade da abordagem dos fenômenos do aprender. Para explicar a Pedagogia, é útil passar-se à definição da Didática, uma vez que aquela abarca esta.

A Didática é a parte da Pedagogia que se ocupa das aprendizagens complexas que requerem sistematização e organização. A Pedagogia pode ser entendida como o contexto que possibilita a Didática. Ela se ocupa do ambiente que possibilita as aprendizagens mais pontuais e específicas dos campos científicos, que configuram as disciplinas escolares.

A Didática é a ciência que dá conta de fazer com que alguém, não tendo um certo conhecimento, passe a tê-lo; isto é, ela se ocupa da construção dos conhecimentos, na perspectiva construtivista. Porém o que são conhecimentos? Quais suas características definidoras? Quais suas relações com o saber? O que saber e conhecimento têm em comum e em que divergem? Há entre eles precedência ou complementaridade? Estas e outras perguntas serão abordadas, a seguir, através da conceituação e classificação de quatro produtos da aprendizagem.

### Produtos de Aprendizagem

Dentre os múltiplos ângulos em que a aprendizagem pode ser analisada, merece importância a caracterização dos tipos de produtos que dela derivam. Propomos o esquema que segue, como síntese de uma abordagem destes produtos.

|                    | Não Sistematizada | Sistematizada |
|--------------------|-------------------|---------------|
| Não transformadora | Chute             | Conhecimento  |
| Transformadora     | Saber             | Práxis        |

Consideramos nestes produtos de aprendizagem dois atributos principais: a sua sistematização e a sua capacidade de transformação. A combinação da presença ou da ausência desses dois atributos caracteriza os quatro espaços deste esquema, isto é, o chute, o saber, o conhecimento e a práxis.

Denominamos **chute** um produto da aprendizagem não sistematizado e não transformador. Chute pode ser tomado como algo aproximado a improviso. Como define o dicionário Aurélio, improviso é um produto intelectual inspirado na própria ocasião e feito de repente, sem preparo.

Observemos que estamos nos atendo à definição de improviso, enquanto produto intelectual sem preparo, que é o chute. Não consideramos, neste contexto, a validade da intuição ou da espontaneidade, que também podem estar embutidas no sentido comumente dado à palavra improviso. Chute, portanto, tem aqui a conotação de algo aprendido muito superficialmente, localizado, sem nenhuma generalização.

Chamamos de **saber** o produto de aprendizagem não sistematizado, mas transformador. Um produto de aprendizagem é transformador na medida em que acrescenta ser a quem aprende, modificando lhe em algo a maneira de viver.

Uma aprendizagem não é sistematizada quando ela é apenas descritiva de etapas de soluções de um problema, sem entrar na análise desta solução. O saber implica num valor capaz de mobilizar energias de quem aprende, a ponto de levá-lo a novas formas de vida.

Chamamos de **conhecimento** um produto de aprendizagem sistematizado, mas não transformador. Uma aprendizagem não é transformadora, quando ela somente instrumentaliza teoricamente de forma desvinculada da prática.

Um produto de aprendizagem não é transformador quando apenas ilustra, sem mover o aprendiz a incorporar nova postura existencial ou nova capacitação prática. Um produto de aprendizagem é sistematizado, quando ele chega à explicação das causas dos problemas enfrentados; e isto de forma organizada. Esta organização pode ser explicitada em livros ou similares, por escrito.

O saber transforma, mas não é sistematizado. O conhecimento é sistematizado, mas não é transformador.

O saber é pessoal; e o conhecimento é social ou socializável, na medida em que pode ser ou é sistematizado. O saber é mais ligado à ação, enquanto o conhecimento é mais ligado à reflexão e à linguagem. O saber tem mais a ver com percepções e movimentos, enquanto o conhecimento tem mais a ver com as palavras.

# CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

## BNCC – COMPETÊNCIAS GERAIS E INTEGRAÇÃO DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR E COMUNITÁRIO

### COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC E FORMAÇÃO INTEGRAL

As competências gerais da BNCC são orientações amplas que atravessam todas as etapas e áreas da Educação Básica. Elas indicam que a escola deve formar estudantes capazes de conhecer, pensar, comunicar, argumentar, conviver, cuidar de si, agir com responsabilidade e participar da sociedade. Esse conjunto de competências está diretamente relacionado à formação integral, pois reconhece que aprender envolve dimensões cognitivas, sociais, emocionais, físicas, culturais e éticas.

A formação integral entende o estudante como uma pessoa completa, e não apenas como alguém que precisa memorizar conteúdos. Isso significa considerar seu corpo, suas emoções, suas relações, sua cultura, seu modo de viver, seus desafios e seu contexto comunitário. A saúde, nesse sentido, não pode ser separada da educação. Um estudante que não se alimenta bem, sofre violência, vive ansiedade intensa, não dorme adequadamente ou não tem acesso a informações de saúde pode ter sua aprendizagem prejudicada.

Uma das competências gerais da BNCC trata do conhecimento. Ela valoriza os saberes construídos historicamente e sua aplicação para compreender a realidade. Na educação em saúde, essa competência aparece quando os estudantes aprendem sobre corpo humano, prevenção de doenças, hábitos saudáveis, vacinação, saneamento, alimentação, ambiente e cuidados coletivos. O conhecimento científico ajuda a combater desinformações e práticas prejudiciais.

Outra competência importante é o pensamento científico, crítico e criativo. No campo da saúde, ela permite que o estudante questione informações falsas, analise dados, compreenda causas e consequências, avalie riscos e tome decisões fundamentadas. Essa competência é essencial em uma sociedade marcada por excesso de informações, inclusive sobre medicamentos, dietas, doenças, vacinas e práticas de cuidado.

A competência da comunicação também se relaciona à saúde. Saber comunicar dúvidas, sentimentos, sintomas, necessidades e informações é importante para o cuidado de si e dos outros. Na escola, atividades de debate, produção de cartazes, campanhas educativas, rodas de conversa e apresentações podem desenvolver comunicação em temas de saúde.

A competência da argumentação permite defender ideias com base em fatos, dados e valores éticos. Em saúde, isso é fundamental para discutir vacinação, alimentação, prevenção de doenças, saúde ambiental e respeito à vida. O estudante aprende a não aceitar qualquer informação sem análise.

A competência do autoconhecimento e autocuidado tem relação direta com a educação em saúde. Ela envolve reconhecer emoções, limites, necessidades do corpo, hábitos, escolhas e formas de proteção. Autocuidado não significa individualismo, mas responsabilidade consigo mesmo e com o coletivo.

A empatia e a cooperação também são essenciais. A saúde é coletiva. Cuidar do ambiente, respeitar pessoas com deficiência, acolher colegas em sofrimento emocional, evitar atitudes discriminatórias e colaborar em ações de prevenção são práticas que expressam essa competência.

### EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação em saúde no contexto escolar consiste em um conjunto de práticas educativas voltadas à promoção do bem-estar, à prevenção de doenças e ao desenvolvimento de atitudes responsáveis diante da vida. Ela pode ocorrer em sala de aula, nos projetos pedagógicos, nas atividades de rotina, nas campanhas, nas rodas de conversa, nas ações com famílias, nos momentos de convivência e na organização do ambiente escolar.

A escola é um espaço privilegiado para a educação em saúde porque reúne crianças, adolescentes, jovens, adultos, profissionais e famílias. Além disso, a vida escolar envolve hábitos cotidianos que se relacionam diretamente à saúde: alimentação, higiene, sono, atividade física, convivência, cuidados emocionais, prevenção de acidentes, respeito ao corpo e uso dos espaços coletivos.

A educação em saúde não deve ser compreendida apenas como transmissão de informações. Informar é importante, mas não é suficiente. O estudante pode saber que lavar as mãos é necessário e, ainda assim, não transformar isso em hábito. Por isso, a educação em saúde precisa envolver vivências, diálogo, repetição, reflexão, participação e construção de atitudes.

No ambiente escolar, temas de saúde podem ser trabalhados de forma interdisciplinar. Em Ciências, é possível estudar corpo humano, microrganismos, vacinação, alimentação, água e saneamento. Em Língua Portuguesa, podem ser lidos e produzidos textos informativos, campanhas e debates. Em Matemática, podem ser analisados gráficos sobre vacinação, alimentação ou indicadores de saúde. Em Educação Física, discute-se movimento, corpo, lazer e qualidade de vida. Em História e Geografia, analisam-se condições sociais, urbanas e ambientais que interferem na saúde.

A rotina da escola também educa em saúde. Quando a instituição orienta a lavagem das mãos, organiza a alimentação, cuida da limpeza dos espaços, promove recreios seguros, combate o bullying, acolhe estudantes em sofrimento e valoriza atividades físicas, ela ensina saúde na prática. O exemplo institucional é tão importante quanto o conteúdo ensinado.

A saúde mental deve fazer parte da educação em saúde. Ansiedade, tristeza, medo, conflitos, isolamento, luto, violência e pressão social podem afetar profundamente a aprendizagem e a convivência. A escola deve promover acolhimento, escuta, respeito, encaminhamento adequado e ações de convivência saudável. Isso não transforma a escola em clínica, mas a torna um espaço atento ao bem-estar.

A educação em saúde também envolve prevenção. Prevenir significa agir antes que o problema se agrave. Campanhas de vacinação, orientação sobre higiene, alimentação saudável, prevenção de acidentes, saúde bucal, cuidados com o sol, combate ao mosquito transmissor de doenças e prevenção ao uso de substâncias são exemplos de ações educativas.

É importante que as ações sejam adequadas à idade e ao contexto dos estudantes. Crianças pequenas precisam de linguagem simples, imagens, brincadeiras e práticas concretas. Adolescentes precisam de diálogo respeitoso, informação confiável e espaço para dúvidas. Adultos demandam abordagem compatível com suas experiências de vida.

#### EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO COMUNITÁRIO

A educação em saúde no contexto comunitário amplia o alcance das ações escolares para além dos muros da escola. A comunidade é formada por famílias, moradores, associações, serviços de saúde, espaços religiosos, organizações sociais, conselhos, unidades públicas, grupos culturais e demais sujeitos que participam da vida local. Quando a escola dialoga com essa rede, a educação em saúde torna-se mais significativa e efetiva.

Muitos temas de saúde estão diretamente ligados à realidade comunitária. Condições de moradia, saneamento, acesso à água potável, coleta de lixo, alimentação, violência, transporte, lazer, trabalho, renda e acesso aos serviços de saúde influenciam o bem-estar dos estudantes e de suas famílias. Por isso, a educação em saúde precisa considerar o território onde a escola está inserida.

Uma ação de educação em saúde será mais eficaz quando dialogar com problemas reais da comunidade. Se há aumento de casos de dengue, por exemplo, a escola pode desenvolver projeto sobre combate ao mosquito, cuidados com água parada, leitura de informativos, visitas orientadas ao entorno, produção de cartazes e diálogo com famílias. Se há dificuldades relacionadas à alimentação, pode promover debates sobre hábitos alimentares, aproveitamento de alimentos, leitura de rótulos e acesso a alimentos saudáveis.

A participação das famílias é essencial. A criança pode aprender na escola sobre higiene, vacinação ou alimentação, mas esses hábitos também dependem da organização familiar e das condições de vida. A escola deve orientar sem culpabilizar. Muitas famílias enfrentam limitações econômicas, jornadas longas de trabalho ou falta de acesso a serviços. A educação em saúde deve ser acolhedora, não acusatória.

A articulação com os serviços de saúde fortalece as ações comunitárias. Unidades de saúde, equipes de atenção básica, profissionais de enfermagem, agentes comunitários de saúde, equipes de saúde bucal e outros profissionais podem contribuir com palestras, campanhas, encaminhamentos, ações preventivas e orientação técnica. Essa parceria deve respeitar as funções de cada setor.

A escola também pode atuar como espaço de mobilização social. Reuniões, feiras, campanhas, projetos interdisciplinares, rodas de conversa e eventos podem aproximar a comunidade de temas relevantes. Quando estudantes participam da produção dessas ações, desenvolvem protagonismo e responsabilidade social.

A educação em saúde comunitária deve combater desinformação. Boatos sobre vacinas, tratamentos sem comprovação, preconceitos relacionados a doenças, informações falsas sobre alimentação ou saúde mental podem circular com facilidade. A escola, ao trabalhar conhecimento científico e pensamento crítico, ajuda a comunidade a tomar decisões mais seguras.

A abordagem comunitária também valoriza saberes locais. As famílias possuem experiências, práticas culturais e conhecimentos acumulados. A escola não deve desprezar esses saberes, mas dialogar com eles, diferenciando o que é culturalmente significativo daquilo que pode representar risco à saúde.

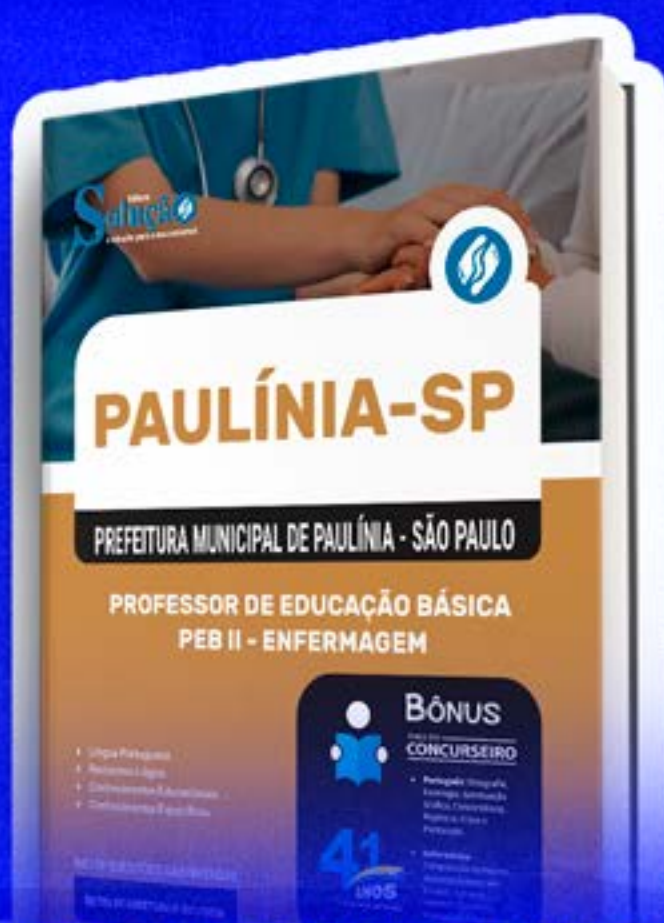
#### INTEGRAÇÃO ENTRE CURRÍCULO, SAÚDE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A integração entre currículo, saúde e práticas pedagógicas é essencial para que a educação em saúde não fique restrita a ações pontuais. Muitas vezes, temas de saúde aparecem apenas em campanhas específicas, como semana da alimentação, campanha de vacinação ou combate à dengue. Essas ações são importantes, mas precisam estar articuladas ao currículo e à rotina escolar para gerar aprendizagem mais profunda.

O currículo orienta o que a escola ensina, como ensina e com que finalidade ensina. Quando a saúde é integrada ao currículo, ela passa a ser tratada de forma planejada, contínua e interdisciplinar. Isso permite que os estudantes compreendam a saúde como dimensão da vida pessoal, social, ambiental e coletiva.

Em Ciências, a integração é mais evidente, pois muitos conteúdos tratam de corpo humano, seres vivos, microrganismos, ambiente, água, alimentação e prevenção de doenças. No entanto, a educação em saúde não pertence apenas a essa área. Em Língua Portuguesa, os estudantes podem interpretar campanhas públicas, analisar notícias sobre saúde, produzir textos informativos e desenvolver argumentação. Em Matemática, podem estudar tabelas, gráficos e porcentagens relacionados a indicadores de saúde. Em Geografia, podem discutir saneamento, território, ambiente e desigualdades. Em História, podem compreender epidemias, políticas de saúde e mudanças nos hábitos sociais.

As práticas pedagógicas devem favorecer participação ativa dos estudantes. Em vez de apenas ouvir explicações, eles podem investigar problemas, levantar hipóteses, produzir materiais, entrevistar pessoas da comunidade, analisar dados, realizar campanhas e propor soluções. Essa abordagem aproxima a aprendizagem da realidade.



**GOSTOU DESSE  
MATERIAL?**

**Então não pare por aqui:** a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

**EU QUERO DESCONTO!**